

## AS POSIÇÕES QUE O CINEMA TOMA NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE TECNOLOGIA ESCOLAR, SUSPENSÃO E PROFANAÇÃO<sup>1</sup>

Camila Benatti Policastro<sup>2</sup>, Ana Paula Nunes Chaves<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “O poder das imagens e suas geografias: uma análise da pedagogização visual em discursos e narrativas sobre o espaço”

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Geografia – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.chaves@udesc.br

Em 2014, a Lei 13.006 tornou obrigatória a exibição de filmes do cinema nacional nas escolas brasileiras, como componente curricular complementar. A obrigatoriedade de exibição de pelo menos duas horas mensais de filmes brasileiros trouxe à tona a discussão a respeito de como (e se) o cinema vem sendo utilizado no âmbito escolar. Em 2016, professores pesquisadores da Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação propuseram uma pesquisa comum a todos os polos da Rede (Brasil, Argentina e Colômbia), por meio de um questionário base, afim de averiguar de que forma os professores de Geografia estavam se apropriando desta nova possibilidade na educação. “Escreva uma frase sobre as relações entre escola e cinema”, a questão e suas respostas foram os objetos de estudo analisados neste trabalho. As respostas dos mais de 130 professores de geografia brasileiros consultados foram organizadas e exploradas à luz dos termos *tecnologia escolar, suspensão e profanação*, explicitados na obra *Em Defesa da Escola* (2015), de Jan Masschelein e Maarten Simons. O objetivo principal deste recorte dos dados da pesquisa foi discutir qual a posição que o cinema toma ao entrar na tão imperante gramática escolar, bem como quais experiências são possíveis a partir do encontro entre escola e cinema.

A partir da análise dos dados da pesquisa, por meio da organização do arquivo de respostas, tabulação e seleção de emergências, pode-se perceber a recorrência de algumas palavras nas respostas dos professores, sendo elas: ferramenta, recurso e instrumento. Debatemos que as utilizações destas palavras apontam para a entrada do cinema na escola como uma tecnologia escolar (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015). Há diversas críticas ao uso utilitário das imagens em movimento, a exemplo, os trabalhos de Beagala (2008) e Serra (2006). Porém, comprehende-se que a escola precisa de instrumentos e métodos para apresentar o mundo aos estudantes. Indagou-se, em seguida, quais os desdobramentos decorrentes desta utilização instrumentalizante do cinema no âmbito da experiência cinematográfica. Assim, tecemos relação com as noções de suspensão e profanação (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015), características daquilo que adentra o território da gramática escolar. Suspensão por representar uma pausa às necessidades impostas fora dos muros da escola, permitindo o acesso coletivo da experiência com o objeto de estudo proposto, neste caso os filmes. Já a profanação como característica do uso não habitual deste objeto, que usa das imagens em movimento, das características da arte do cinema para coletivizar as próprias imagens e aproximar um conteúdo ou até mesmo deslocar o sentido habitual do cinema como arte para colocá-lo sob análise, sob o crivo de recurso didático.

Dessa forma, analisamos algumas características do contato entre cinema e escola: primeiramente, a experiência escolar como uma noção de experiência coletiva, onde há a suspensão da experiência individual em virtude de uma experiência compartilhada entre os

sujeitos; e, em segundo lugar, a imagem em movimento é mediada pelo professor que segue um programa de conteúdos, democratizando objetos de estudos, existindo assim uma dessacralização do cinema, ou seja, uma profanação que o transforma em objeto de estudo, seja abordando conteúdos representados nas imagens ou seja a própria arte colocada sobre a mesa.

Ademais, algumas preocupações quanto a instrumentalização do cinema na escola e da submissão à gramática escolar ainda persistem, pois há pelo menos duas implicações dessa prática: 1. A experiência que pode não ter lugar a partir da transformação do cinema em instrumento; e 2. A experiência que os instrumentos, ou tecnologias escolares, exercem sobre alunos e professores, que não é tomada como passiva, mas como ponto de partida, pois é tida muito mais como mágica - sedutora, envolvente - que instrumental ou mecânica. Em suma, o encontro com a tecnologia escolar permite incitar o interesse, despertar o amor, iniciar um gosto pelas coisas do mundo. Afinal, como uma das respostas dos professores à pesquisa bem disse “O cinema é a arte de criar e recriar, de pensar de imaginar e de construir os sonhos.” (POLICASTRO, 2020). Por fim, um consenso pode ser anunciado: mesmo com os riscos de um encontro mal explorado entre cinema e escola, não se pode negar a iniciação de filmes no ambiente escolar, tendo em vista que ele pode nunca ter outro lugar para acontecer.

**Palavras-chave:** Educação; Imagens; Experiência.

## Referências

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema.** Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

POLICASTRO, Camila Benatti. “É só um filme”: aproximação entre geografia escolar e o outro do/no cinema. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Geografia licenciatura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

SERRA, María Silvia. El Cine en la Escuela. ¿Política o pedagogía de la mirada? In: **Educar la mirada:** políticas y pedagogías de la imagen/ compilado por Inés Dussel y Daniela Gutierrez - 1a ed. - Buenos Aires: Manantial: OSDE, 2006. p. 145-154.